

O INGLÊS PUDSEY EM PERNAMBUCO

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro adquiriu recentemente um manuscrito de interesse para a história de Pernambuco e particularmente para a do período da dominação holandesa do Nordeste Brasileiro. Trata-se de um manuscrito original da autoria de um soldado ou oficial inglês - provavelmente oficial - engajado no serviço da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais como o fizeram, aliás, tantos outros da sua nação. Bastará recordar o nome de dois que exerceram postos de comando nos exércitos invasores John Goodlad (chamado Bon Garçon) e Sedneum van Points; e ainda, que foi grande o número de soldados ingleses e comerciantes escoceses (que tiveram, estes últimos, social e economicamente, na época atividade idêntica à dos mascates no Brasil português, ou mais precisamente dos "mercadores de ida e vinda" da descrição dos *Diálogos das Grandezas do Brasil*) em atividades no Nordeste.

O manuscrito in folio contém 71 folhas e é escrito em inglês pelo próprio autor, que se assina na última: Cuthbert Pudsey. A letra é do século XVII e exige leitura paleográfica. É de lamentar que o autor não nos transmita informações precisas a seu respeito e que quase nunca fale na primeira pessoa: dissolve-se em quase toda a narrativa num "we" meio vago. Não se pode, por conseguinte, conhecer com segurança todas as expedições em que tomou parte, embora de algumas as informações sejam tão precisas que não se pode duvidar que delas tenha participado.

Divide-se o manuscrito em duas partes: na primeira (fls. 1 a 6) trata dos indígenas tupis e tapuias, e na segunda (fls. 7 a 71) trata da guerra: "here beginneth the second booke which speaketh of the warrs", nas palavras do autor, que quisera sempre transcrever na língua original. Depois de mencionar os tupis e tapuias, diz de uma nação destes, que intitula "Correareas" ou "Corroreas", que "estes correareas assegura-se que foram franceses que tendo vivido em um lugar chamado Bahia do Grande ("Bay do Grande", possivelmente Rio Grande do Norte) e sendo daí expulsos por motivos de guerra, refugiaram-se nas matas e pelo decorrer de longo tempo tomaram-se selvagens e tendo casado com mulheres tapuias, são hoje com os tapuias como um só povo, exceto que não cortam estes o cabelo da mesma maneira que os correareas o fazem presentemente ... Além disto não são todos tão altos e não se querem chamar tapuias ... Eu os considero como um só povo porque suas mulheres, com a continuação do tempo, fizeram-nos todos louros". Capistrano de Abreu teria encontrado aqui a confirmação para a sua afirmativa de que os mestiços louros e de olhos claros que se encontram no Nordeste são indícios da "possança da mestiçagem brasilo-galicana", na sua frase enfática. Realmente creio que mais do que aos holandeses, aos franceses devem-se esses traços nórdicos que freqüentemente se encontram nas populações nordestinas. Recorde-se aqui o fato de que os portugueses presumiam tratar-se de franceses os europeus que comerciavam com indígenas brasileiros e que estes descreviam como tendo barba ruiva. É informação que ocorre na *Nova Gazeta da Terra do Brasil* (C1514): "Os moradores da costa disseram que, de quando em quando, aí chegavam outros navios, rujas tripulações se vestiam como os nossos, e tinham quase todos a barba ruiva. Os portugueses crêem por estes sinais serem franceses"... Se recorremos à *História Geral do Brasil* de Varnhagen (4 edição, São Paulo, 1950) encontraremos constantes referências ao comércio de franceses com indígenas do Nordeste. E Rio Branco menciona o fato de que se deve a um francês, Jacques de Vaudeclaye, valioso documentário cartográfico do litoral nordestino do século XVI. O que parece indicar ter sido freqüente o contato de franceses com aborígenes brasileiros, justificando-se deste modo a afirmativa de Capistrano com relação aos mestiços brasilo-galicanos.

Outra observação interessante de Pudsey, diz respeito aos engenhos, que ele considera uma "comunidade" autárquica, nas quais se encontrava o necessário à vida, com pouca dependência externa. Ali havia "fundidores para preparar tachos, pedreiros para construir fornalhas, carpinas para fazer caixas, enquanto outros ocupavam-se em levantar capelas, pois cada engenho tem a sua, e ainda padre, barbeiro, ferreiro, sapateiro, carpinteiro, oleiro, alfaiate e outros artífices necessários. Evrie mylne is as a commonwealth within himself and the Lord of the mylne Justicer and Judge" ..

Pudsey informa ainda que Joris Garstman, que substituiu o capitão Verdoes no comando da tropa de ocupação do Rio Grande do Norte, "was the frst officer that married with the Portuguez, he married the Lord of a sugar mylnes daughter". Mas não foi Garstman - cujos descendentes segundo Luiz da Câmara Cascudo, parecem ser os Grascimans daquele Estado - caso raro entre os holandeses, ao casar com brasileira, pois "scynce we have advanced in the cuntry a many have matchd with the Portuguez woomen of good rank and qualletye, as Collonel Tourlowne, Captaine Metting with many more, and now daly more & more they marry together". Depoimento, o de Pudsey, que outras fontes confirmam. Fr. Rafael de Jesus menciona, um tanto a contragosto, a fraqueza das brasileiras católicas que se uniram a holandeses protestantes (ao contrário dos homens que, "em tanta continuação de anos e diligências não houve, naquelas Partes do Brasil, fiel que tivesse comunicação com mulher herege, nem por matrimônio nem por lascívia"). Pelas indicações de cronistas holandeses e luso-brasileiros sabe-se que foi realmente grande o número de pernambucanas, paraibanas, rio-grandenses do norte e cearenses casadas com flamengos. Além de Garstman, Tournalon, Mettinge, citados por Pudsey, pode-se mencionar Gaspar Vau der Ley, Gisbert de With, Francisco de Bra, Abraham Tapper, Jan Wijnants, Gillis Sobemal (natural de Bruxelas, casado com uma brasileira Isabel da Rocha e que, quando das lutas da restauração, decidiu-se pelo partido dos da terra); de outros há indicações de que casaram com mulheres indígenas: tal é o caso de Wilhelm Doncker e Casper Beem. De um, o capitão Andries Day, tem-se notícia de ligações com uma negra.

O leitor curioso talvez deseje saber o motivo por que não existem entre nós nomes de família holandeses em número correspondente ao de casamentos. Excetuados os van der Ley que passaram a assinar Wanderley e possivelmente os Garstman, que seriam os Grascimans de hoje, muitos tiveram os seus nomes abasileirados: pode-se citar o caso dos descendentes de um filho de Dirk Hoogstraten de nome Francisco, que abasileirou o nome holandês em Estrada, Francisco de Estrada. No Fayal, Leite de Vasconcelos na sua *Antroponímia Portuguesa* menciona casos de aportuguesamentos de nomes: lá (como aqui no Brasil) os Bruyne transformaram-se em Brum; os Hurter, em Horta; já os Aert traduziram o seu para Terra, etc. Por outro lado, Gilberto Freyre recordando o depoimento do marquês de Basto de que alguns holandeses casaram com brasileiras de famílias pouco importantes, sugere que a insignificância social e econômica dos descendentes desses flamengos explica o silêncio em tomo de sua ascendência.

Pudsey refere-se a Calabar em um trecho de suas Memórias que intitulou "Captain Domyngos coome over". "Por este tempo, diz o Autor, passou-se para nós um português chamado Domingos Fernando, que tendo forçado uma mulher da região de Camaragibe e para que ela não denunciasse quem tinha sido o ofensor, cortou-lhe a língua. Ele tinha vivido em revolta por cerca de dois anos entre os portugueses e passando-se então para os holandeses, foi feito capitão. Pelos seus conselhos e modos muito incomodamos a campanha do inimigo, pois ele era um sujeito político e valente, conhecedor das passagens e caminhos de toda a região e não se comprazendo senão em causar danos aos portugueses, sendo ele mesmo mulato, isto é, filho

de português e negra; de sua espécie tivemos muitos auxiliares de coragem. Este Capitão Domingos não tinha igual em força e valentia. Nunca achamos pessoa tão pronta quanto ele para as expedições de que pudessem resultar lucro aos soldados; ele embarcava em pequenas embarcações, descia à noite em território inimigo e podíamos então pilhar os habitantes e tanto maior o dano que causávamos aos seus compatriotas, tanto maior a sua alegria".

Pelas indicações do autor, pode-se concluir que este fez parte da tropa que conquistou a Paraíba em 1635 e tomou parte na marcha que dali fizeram por terra até Pernambuco, sob o comando de Arciszewsky. Participou no ataque ao Arraial Velho e ao forte de Nazaré. Ainda esteve presente à batalha da Mata Redonda e ao cerco de Porto Calvo (1637); esteve em Sergipe e na Bahia (1638), em 1640 foi com o comandante Jol às Antilhas, de onde voltou ao Brasil, regressando finalmente à Holanda no mesmo ano de 1640 ou no seguinte.

Pudsey refere-se com os maiores elogios a Arciszewsky, na verdade homem inteligente e culto e grande militar. Ambicioso e inteligente, o polonês parece se ter ressentido por ter ficado subordinado ao Conde de Nassau, doze anos mais moço do que ele (Arciszewsky nasceu em 1592, e faleceu em 1656; Nassau é de 1604-1679). Daí a série de mal-entendidos que resultou no afastamento de Arciszewsky do Brasil, aonde tinha estado por três vezes (1630-1633; 1634-1637; e, pela última vez, em 1639).

Diz Pudsey que Arciszewsky "mostrou ser a principal figura do Conselho e homem de experiência, prudente empregado da Companhia, muito político e providente, cuidadoso com os assuntos do exército e muito moderado e estrito nas ações de comando e punindo com mão firme as transgressões, sem respeitar a qualidade do ofensor, quer oficial ou soldado; e, por outro lado, pronto a recompensar, de modo que a sua palavra era lei entre nós". Adiante referindo-se ao regresso em 1637 de Arciszewsky, escreve: "regressou o nosso nobre Coronel Arciszewsky para a Holanda, despedindo-se amigavelmente do exercito, que muito lamentou a sua partida e não sem razão, porque nem antes nem depois houve outro que o igualasse na conquista deste país; tinha em consideração somente o serviço de Deus, o bem do exercito, o proveito da Companhia e sua própria honra, não se corrompendo com propinas nem aceitando condições mercenárias".

Pudsey é dos que repetem a curiosa etimologia do nome Pernambuco dos autores holandeses. Segundo ele o nome viria do "espanhol" Inferno e Boco ou Boca e significaria "boca do inferno". O "Inferno e Boco" transformou-se em "Pernambuco", e designava inicialmente, segundo ele, a difícil entrada do porto do Recife. Pudsey menciona que Pernambuco quer dizer "hell mouth, soo the place is called in Spanish, famabucke"... A mesma etimologia encontra-se em Nieuhof, Montanus e Dapper e ainda em panfletos holandeses, (como o *Brasyls Schuyt-praetien*) e é digna de ser reunida a outras curiosidades do mesmo tipo colecionadas por Alfredo de Carvalho.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 nov., 1950.